

ANASTÁCIO, S. M. G. Um Porto Seguro para Elizabeth Bishop. In: GALERY, M. C. V.; ALMEIDA, S. R. G.; PENNA, S. M. de O. (Org.). **Deslumbrante Dialética** [Recurso Eletrônico]: o Brasil no olhar de Elizabeth Bishop. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP, 2012. p. 154-165.

## UM PORTO SEGURO PARA ELIZABETH BISHOP

Sílvia Maria Guerra Anastácio  
UFBA

**Resumo:** Neste artigo, pretende-se analisar “Um porto para Elizabeth Bishop” por Marta Góes, levada ao palco pela atriz Regina Braga, pela primeira vez, em 2001. A autora da peça, que é jornalista e escritora, nasceu em Michigan, nos Estados Unidos, embora tenha passado a infância em Petrópolis. Morou perto do Sítio Samambaia, localizado na Fazenda de Alcobaça, onde Elizabeth Bishop viveu durante algum tempo, ao lado da companheira Lota Macedo Soares. Marta Góes acabou se interessando em fazer uma pesquisa sobre a vida e a criação poética de Bishop, incluindo suas cartas, mostrando, em sua peça, como as imagens brasileiras ocuparam um espaço relevante nos textos da autora. Quanto à metodologia de trabalho deste artigo, foi feito um cotejo entre os manuscritos de Marta Góes e a correspondência de Bishop para ver como o texto encenado representa a criação poética de Bishop e seu percurso pelo Brasil. Teorias sobre choques culturais e expatriação aplicadas à análise do texto teatral de Marta Góes ajudaram a fundamentar este trabalho.

**Palavras-chave:** Bishop. Criação. Monólogo. Marta Góes.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze "A Safe Harbor for Elizabeth Bishop" by Marta Goes, performed on stage for the first time by Regina Braga in 2001. Goes, who is a writer and journalist, was born in Michigan, United States, but spent her childhood in Petrópolis, Brazil. She lived near the Sitio Samambaia, situated in Fazenda Alcobaça, where Elizabeth Bishop spent some time with her companion, Lota Macedo Soares. Marta Goes became interested in researching the life and work of Bishop, including her letters. The monologue shows how images of Brazil play an important role in Bishop's work. As for the methodology of this article, a comparison was made between Goes' manuscripts and Bishop's correspondence to see how the monologue represents the poetic creation of Bishop and her journey through Brazil. Theories about cultural shock and expatriation have been applied to the analysis of Goes' text and are the basis of this article.

**Key-words:** Bishop. Creation. Monologue. Marta Góes.

Convite ao encontro

*Um encontro de dois:*

*Olho a olho, face a face.*

*E quando estiveres perto, arrancarei teus olhos*

*e os colocarei no lugar dos meus,*

*e tu arrancarás meus olhos*

*e os colocarás no lugar dos teus.*

*Então, eu te olharei com teus olhos,  
e tu me olharás com os meus.*

Jacob Moreno

## **Introdução**

Viver em outro país significa emprestar novos significados às experiências do dia-a-dia e, muitas vezes, procurar ver o Outro do modo como o Outro se enxerga a si próprio. Como afirma a epígrafe, de autoria de Moreno (1970), fundador do psicodrama, é necessário vestir a “pele” do Outro para compreender as razões de seu comportamento, para imergir na sua cultura, nos seus valores e costumes.

O percurso da imersão de Bishop na cultura brasileira, ficcionalizado por Marta Góes em seu monólogo *Um porto para Elizabeth Bishop*, encenado pela atriz Regina Braga sob a direção de José Possi Neto foi o eixo que norteou este artigo. Vários foram os sentimentos que tomaram conta da escritora ao se aproximar do nosso país, trilhando um verdadeiro ciclo que os expatriados costumam percorrer ao conviverem de perto com a cultura do Outro e que transparecem nas cartas de Bishop, bem como na sua criação poética. Para traçar esse percurso, foi útil recorrer a um diagrama sobre choques culturais, que passamos a comentar, a seguir.

## **Choques culturais e o Brasil pelo olhar de Bishop**

Tomamos por base o diagrama publicado em uma publicação distribuída pelo ICAS, *Independent Counselling & Advisory Services* (2008) sobre expatriação e choques culturais. Trata-se de uma companhia inglesa, que presta consultoria a expatriados e se ocupa da relocação de famílias há mais de dez anos, portanto, com tradição no mercado de trabalho internacional.

Patrícia Tomei (2008, p. 4) define o expatriado como alguém com capacidade de adaptação a diferentes culturas, que “vive em constantes viagens e temporadas em outros países. Um cidadão do mundo”. Ele tende a abandonar a sua zona de segurança e se arrisca em direção ao desconhecido, o que costuma levá-lo a ganhos pessoais indiscutíveis e a um crescimento, que é fruto desse investimento arrojado.

Bishop pode ser vista como uma expatriada que, antes de morar no Brasil, já havia vivido em vários outros locais, como Massachusetts, Nova Escócia, Nova York, Key West e Washington, dentre outros lugares onde passara menos tempo. Antes de vir ao Brasil, trabalhava na Biblioteca de Washington como consultora para assuntos

ligados à poesia e partira de N. York, em 1951, em um navio que a traria para a costa do Brasil. Vejamos o que escreve ao seu amigo, o poeta norte-americano Robert Lowell, sobre essa viagem:

A Robert Lowell

*Navio mercante Bowplate*

*Ao largo da costa do Brasil – 26 de novembro de 1951*

[...] Mandei-lhe um cartão-postal quando estava partindo de N.Y., [...] resolvi fazer esta viagem maluca [...] minha decisão de atravessar o estreito de Magalhães vai surpreender você. Pelo menos, é para lá que estou indo. No momento estamos chegando perto de Santos- vou passar uns dia no Rio. [...]

Espero chegar à costa pacífica – talvez escrever um artigo sobre Punta Arenas ou coisa parecida no caminho - e ficar no Peru e no Equador até abril ou maio [...] (GIROUX, 1995, p. 228-229)<sup>1</sup>

Portanto, como se pode perceber, o Brasil não era a sua meta maior ao tomar o cruzeiro que a traria ao nosso país e, a princípio, só teria a intenção de passar aqui alguns dias, conforme revela a carta de Bishop. Quanto ao seu estado de ânimo, não era exatamente o de uma viajante eufórica, como o gráfico sobre choques culturais aqui analisado costuma apontar para descrever os sentimentos do nômade contemporâneo. Leia-se:

---

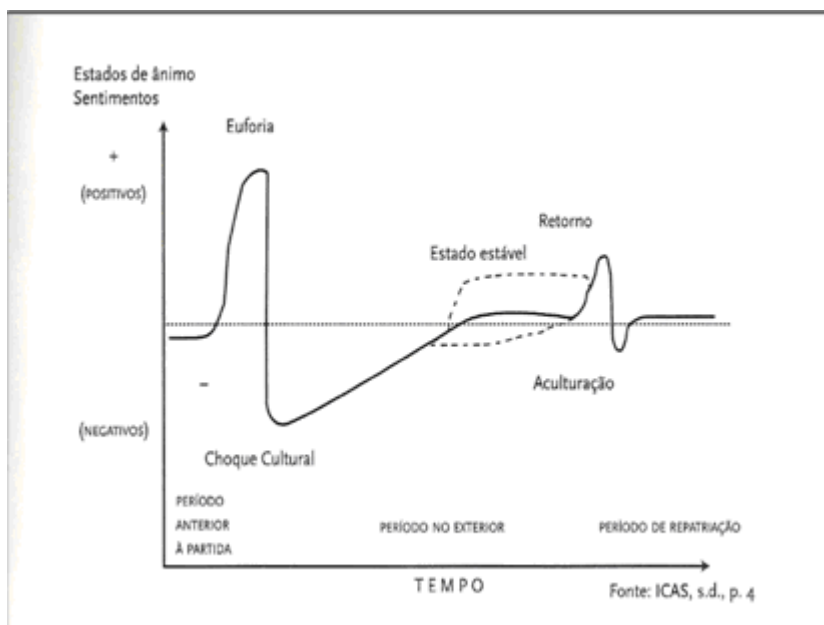
<sup>1</sup> To Robert Lowell

Merchant Ship *Bowplate*

November 26, 1951

Somewhere off the coast of Brazil

[...] I sent you a postcard just as I was leaving N. Y. [...] I had decided on this crazy trip [...] my decision to go through the Straits of Magellan will surprise you. At least that's where I'm bound for. At present we're approaching Santos [...] and first I'm going to visit in Rio for a while [...] I hope to get around to the west coast- maybe write an article about Punta Arenas or something on the way- and stay in Peru and Ecuador until April or May, then come back [...] (GIROUX, 1994, p. 228-229).



O autor Oberg (1960) analisa esse ciclo e começa comentando o período de euforia inicial que costuma acometer o viajante, quando há uma expectativa idealizada e romântica em relação à nova cultura a ser visitada. Esta é sonhada como uma terra, de alguma maneira promissora, cheia de novidades e possibilidades.

Ora, apesar de animada com a viagem, como era de se esperar, Bishop chegara um tanto abatida ao Brasil, o que nos leva a pensar na necessidade de se fazer alguns ajustes ao aplicar o gráfico à representação de Bishop delineada por Marta Góes. Ao tomar o navio, sentira-se deprimida e enfrentava sérios problemas de alcoolismo, que a acometeriam por toda a vida; então, ajustando o termo ‘eufórica’ para ‘animada’ com a viagem, observemos algumas de suas primeiras impressões sobre o Brasil, ficcionalizadas na representação de Marta Góes:

São todos tão amáveis, eu nem sequer estou gostando desse lugar. É tudo tão sujo, tão desorganizado. Eu não sei como eles conseguem viver aqui. Parece meio cidade do México, meio Miami. Homens de calção, chutando bolas de futebol em tudo quanto é lugar. Na praia, às sete da manhã, eles já estão jogando e eles continuam o dia inteiro. Bom, pelo jeito, eles jogam até no escritório. É tudo desleixado, tudo, tudo corrompido. Ai, o Rio de Janeiro me deprime. É tudo o que eu não precisava, nesse momento da minha vida era vir parar numa cidade que me deprime. Olha, me desculpem, mas o Rio de Janeiro é o cenário para uma cidade maravilhosa, mas não É uma CIDADE maravilhosa (GÓES, 2001, p.24).

Logo, Bishop reconhece que, naquele momento, vir para uma cidade que a deprimia, não era a melhor coisa que lhe poderia acontecer, pois, leia-se nas entrelinhas, ela já tinha grande tendência à depressão. Já nesse trecho, insinuam-se os primeiros choques culturais da representação de Elizabeth Bishop por Marta Góes. Quanto ao choque cultural, ele pode ser visto como um estado de desorientação que provoca um estresse contínuo no recém chegado, cujos signos de referência são outros, em geral, muito diferentes do que aqueles que encontra no país anfitrião.

O que mais chama a sua atenção é a sujeira do local, a desorganização, a corrupção, enfim, a falta de compromisso com o trabalho por parte daqueles que gostam de jogar futebol até nos dias úteis e a qualquer hora. Bishop fica um tanto chocada com certos aspectos que percebe na cultura do Outro e estas são as primeiras impressões que o espectador da peça tem da relação da poeta com o Brasil. Mas essa visão caricata do país é uma visão caricata da própria Bishop, pois o trecho dramático teve como fonte a correspondência da poeta. Em *Uma arte* (GIROUX, 1995, p.231), lê-se:

A Alfred Kazin

[...] *Samambaia*, Petrópolis – 10, 11 ou 12 de dezembro de 1951

[...] Acho que ela {Pearl} não gosta muito do Rio.

Acho que também não estou gostando muito, mas é difícil dizer - é tanta bagunça - uma mistura de cidade do México com Miami, mais ou menos; tem homens de calção chutando bolas de futebol por toda parte. Começam na praia às sete da manhã - e pelo visto continuam o dia todo nos lugares de trabalho. É uma cidade de debilitante, totalmente relaxada (apesar do café excepcional), corrupta - passei uns três dias numa depressão horrível, mas depois me recuperei [...] (GIROUX, 1994, p. 227)<sup>2</sup>

Consultando os manuscritos de trabalho de Marta Góes, gentilmente cedidos por ela e, de acordo com entrevista feita com a dramaturga, a correspondência de Elizabeth Bishop foi um espaço privilegiado que ela teria consultado para ter acesso aos bastidores da criação da poeta. Assim, o trecho acima, bem como outros, que

---

<sup>2</sup> *To Alfred Kazin*

Samambaia, Petrópolis

December 10<sup>th</sup> or 11<sup>th</sup> or 12<sup>th</sup> [1951]

[...] I don't think she {Pearl} likes Rio much.

I don't think I do, either, but it's hard to say-it's such a *mess* – Mexico City and Miami combined is about the closest I can come to it; and men in bathing trunks kicking footballs all over the place. They begin on the beach at 7 every morning – and keep it up apparently at their places of business all over town, all day long. It is enervating, completely relaxed (in spite of the terrific coffee), corrupt- of about three days I felt depressed, but then recovered [...] (GIROUX, 1994, p. 227)

mencionaremos, ao longo deste trabalho, entraram como um mosaico na peça de Marta, que soube utilizá-los, com frequência, com um toque de humor e com a necessária força dramática que cada situação exigia.

Contudo, o que se pode perceber é que, com o passar do tempo, Bishop vai conseguindo ver aspectos positivos naquela nova terra, onde encontra um “lar” e um novo amor, Lota de Macedo Soares, que fazem-na repensar a sua relação com o Brasil. De modo, que, considerando os seguintes momentos do texto dramático à luz do diagrama sobre choques culturais que norteia esta análise, pode-se perceber que começa a ocorrer uma aceitação de aspectos da cultura anfitriã, que Bishop passa a admirar. Para ilustrar esse aspecto, referindo-se ao cenário paradisíaco de Petrópolis, onde, no Sítio da Samambaia, Bishop morou com Lota durante os seus primeiros anos no Brasil, na década de 50, ouve-se no texto de Marta Góes:

Aqui há um exército de cascatas [...] e são tantas nuvens a pressionar os cumes das montanhas que elas transbordam, encosta abaixo, em câmara lenta, virando cachoeiras, diante de nossos olhos (GÓES, 2001, p. 26).

[...]

Eu não tenho feito nada, além de cuidar da casa, passear, remexer o jardim. Eu tenho escrito bem pouco, só cartas praticamente. [...] Mas eu confesso que eu estou achando delicioso ter uma casa, depois de tantos quartos de hotel, eu achava que eu nunca mais ia ter um lugar meu (GÓES, 2001, p. 35-36).

Mais adiante, o texto dramático traz uma carta de Bishop à sua médica, a Dra. Anny, em que a solidariedade do brasileiro é comentada e encenada por Regina Braga, com humor:

Querida Dra. Anny

Os brasileiros são tão bons. Eles cuidaram de mim com tanto carinho. Eu tive medo que eles rissem de mim, ao ver minha cara vermelha, minhas orelhas deformadas, mas ao contrário. Eles pareciam consternados, todo mundo ficou interessadíssimo no meu caso. E cada um me receitava um remédio. Eles entravam no meu quarto, a toda hora, na ponta dos pés, eles balançavam a cabeça e diziam “coitadinha”. Ah, quando eu tomava uma injeção, eles gemiam. Nossa Senhora! Dra. Anny, eu nem sei se dá para a senhora entender isso, mas ficar doente no Brasil é outra coisa (GÓES, 2001, p. 28).

A passagem alude ao fato de que Bishop ficara internada, durante alguns dias, em um hospital do Rio de Janeiro, devido a uma forte crise de alergia que a acometera, após

provar um caju, uma fruta tropical que nunca experimentara antes. Como se pode observar, o jeito carinhoso e solidário que encontrou no nosso povo a conquistou, de saída, considerando que a referência de sua cultura de origem era, de um modo geral, de um contato humano mais distante e, ao que parece, com menos envolvimento com os problemas dos outros.

À medida que essa experiência multicultural vai se processando, a protagonista consegue ter uma visão mais objetiva da cultura anfitriã, consciente de seu lado positivo e seu lado negativo, assim encontrando aqui maior estabilidade para viver. Como se pode observar, Bishop começa a se ajustar à nova cultura ao sentir-se amada e com um lar, o que para ela, seria algo inestimável, pois, tinha a sensação de não pertencer a partir alguma, sempre se deslocando de um local a outro. Desde pequena, primeiro perdendo o pai, depois a mãe que fora levada para um hospital psiquiátrico; da casa dos avós maternos na Nova Escócia para a dos avós paternos em Massachusetts, depois para a casa de uma tia, que morava ali perto; depois vivendo em uma faculdade para mulheres, em Vassar College, Poughkeepsie, N. York, e, assim por diante, ao longo da vida, pontilhada por mais quartos de hotéis do que teria apreciado. Portanto, para alguém que parecia ter raízes aéreas, se assim podemos dizer, ter um ninho, um lar, era algo de surpreendente. E é assim que o processo de aculturação vai se processando, na vida de Bishop, na representação de Marta Góes.

Aculturação tem a ver com adaptação e negociação de diferenças entre a cultura de origem e a cultura de chegada. Isso porque para atuarmos no mundo, é necessário decodificar grande quantidade de signos. Ora, na terra de origem esses signos são familiares e costumam indicar como devemos nos comportar em cada situação. Já no país anfitrião, como não dominamos a língua e seus significados, temos de fazer um esforço para atribuir sentido às coisas, inclusive as mais rotineiras. Para que o choque cultural seja superado, são necessárias contínuas negociações. É preciso aprender a lidar com a linguagem verbal e a não verbal, incluindo gestos, expressões faciais, costumes, rituais e valores. Até o modo de vestir ou de comer, de tratar os empregados, marcar compromissos, encontros, tudo isso varia de uma cultura para outra e precisa ser aprendido.

Quando a aculturação começa a se processar, o sentimento de não pertencimento vai se arrefecendo e o indivíduo, pouco a pouco, se acomoda ao lugar onde mora. Então, o sujeito tende a se ajustar à nova cultura, com maior ou menor grau de integração a mesma. É quando as diferenças culturais vão sendo ajustadas e desenvolvidas rotinas no

novo contexto; procura-se entender melhor a língua, se fazendo entender melhor, assimilando normas e valores. A aculturação acontece mais facilmente se o sujeito procura sair e se conectar com outras pessoas, quer nos ambientes sociais ou de trabalho (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009).

A fim de lidar com a nova cultura, Bishop teria usado como um dos recursos para aprender a língua local traduzir para o inglês um diário, *O Diário de Helena Morley*, que havia sido escrito por uma menina nascida em Minas Gerais, Alice Brandt; na década de 1950, ela já era uma senhora e morava no Rio de Janeiro. Quanto ao diário, ele descreve a cidade de Diamantina na década de 1890 e teria despertado em Bishop a vontade de falar da própria infância, o que seria resgatado ao escrever o conto *In the village*, “Na vila”, publicado em 1953. Teria levado cinco anos para traduzir o livro para o inglês, *The Diary of Helena Morley* (pseudônimo de Alice Brandt), lançado em 1957 (MILLIER, 1993).

Entretanto, sempre Bishop estava a comentar a sua dificuldade para se expressar em português, embora entendesse tudo. E, quanto a frequentar ambientes onde se falava o português, Bishop, embora tivesse tendência a ser mais reclusa, circulava no ambiente social de Lota Macedo Soares. Esta era amiga pessoal de Carlos Lacerda e umas das figuras responsáveis pela urbanização do Aterro do Flamengo; assim, as relações de Bishop eram, especialmente, com a elite carioca, além de se dar com poetas e artistas brasileiros.

Paralelo a esse processo de aculturação, de assimilação da cultura do Outro, ocorre também um outro ciclo de desterritorialização e reterritorialização, que podemos relacionar para falar sobre o percurso de Bishop no Brasil. O que acontece, com frequência, é que, na medida em que o sujeito se afasta da própria cultura e vai se desenraizando dela, também quer apropriar-se de algum espaço na cultura do Outro. Considere-se que “[...] mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de re-territorialização” (HAESBAERT, 1994, p. 214), e que “[...] Território [...] tem a ver com poder [...] tanto no sentido mais concreto, de dominação, quanto no sentido mais simbólico, de apropriação.” (HAESBAERT, 1994, p. 6774-6775).

Essa apropriação, portanto, além de significar dominação e sentido de propriedade, relacionado ao valor de bens e trocas, também remete a um sentido simbólico de posse, que vem carregado de marcas das experiências ali vivenciadas. E é nessa esteira, que entendemos que Elizabeth Bishop, em 1965, compra e restaura uma



casa antiga, da época colonial, em Ouro Preto, que denomina de Casa Mariana (MILLIER, 1995). No palco, ouve-se a atriz Regina Braga falar da aquisição da casa de Ouro Preto, por Elizabeth Bishop, citando, em seguida, o início do poema *Under the Window: Ouro Preto*:

Uma casa antiga em Ouro Preto, no caminho de Mariana. Uma casa do século XVII, com paredes de pedra, eu vou comprar esse casarão. Nem que eu fique endividada pelo resto dos meus dias. Se a Lota não quiser, paciência. “Essa casa está um caco, esse telhado está caindo aos pedaços. Essa reforma vai ficar uma fortuna”. Nesse caso, eu vou comprar sozinha; agora finalmente, que eu consegui publicar um livro de verdade, um livro meu, eu vou ganhar o dinheiro, eu vou consertar cada telha, cada pedra fora do lugar, eu vou me instalar aqui, vai ser a minha casa. Ai, ai, eu estou precisando tanto desse sossego pra escrever. (Acordes de violão acompanham a recitação do poema, que segue). Dormir em Ouro Preto (GÓES, 2001, p. 53).

[...] Conversas singelas, fala-se de comida, ou então, quando minha mãe me penteia, machuca. Mulheres, mulheres, mulheres de vestido vermelho, sandálias plásticas e bebês quase invisíveis, agasalhados, só os olhos de fora no calorão, que elas desembrulham e levam até a água e dão de beber, com mãos sujas e amorosas...” (BISHOP, 1994, p. 153).<sup>3</sup>

O livro ao qual Bishop se refere é o *Questions of travel*, publicado em 1965, seguido, no mesmo ano, do lançamento de *Poems* (MILLIER, 1995). E a poeta, com o dinheiro que ganhara com a publicação do livro *Questions of travel* investiria o que tinha para adquirir a sua própria casa no Brasil, apesar de Lota ser contra a compra daquela casa em ruínas. De qualquer modo, a compra da casa foi mais um traço da imersão de Bishop na cultura brasileira, seduzida por aquela construção colonial.

Mas finalmente, identificando os ciclos pelos quais o sujeito expatriado costuma passar, chegamos, no caso de Bishop, ao momento do retorno ao país de origem, o hemisfério norte de onde a poeta viera. Como a sua relação com Lota estava um tanto desgastada, Bishop começa a viajar para sentir-se menos sozinha e aceita, em 1966, ocupar o cargo de professora da Universidade de Seattle, Washington, durante um semestre letivo (GIROUX, 1995). Nesse momento de retorno ao país de origem, novos desafios se interpõem no caminho de Bishop, pois, como já havia assimilado, em graus

---

<sup>3</sup> *Under the Window: Ouro Preto*  
For Lili Correia de Araújo.

The conversations are simple: about food, or, “When my mother combs my hair it hurts”. “Women”. “Women! Women in red dresses and plastic sandals, carrying their almost invisible babies- muffled to the eyes in all the heat- unwrap them, lower them, and give them drinks of water lovingly from dirty hands [...] (BISHOP, 1994, p. 153).

variados, costumes e hábitos da cultura anfitriã, sente falta daqueles novos padrões de comportamento quando está nos Estados Unidos. Por estranho que pareça, passa até a valorizar o que antes rejeitara, como se pode constatar no monólogo encenado por Regina Braga e, sente inclusive falta do carnaval, que passa em Seattle:

O que é que eu estou fazendo aqui em Seattle? Hoje, hoje é domingo de carnaval, no Brasil. É o dia do desfile da escola de samba no Rio de Janeiro. A essa hora, eu estaria a caminho da Avenida. Ah, meu Deus, hoje é domingo de Carnaval (Ouve-se o pandeiro, o som da escola de samba). (GÓES, 2001, p. 57).

Em contrapartida, em carta a James Merrill, que Bishop escreve da Universidade de George Washington, lê-se:

A James Merrill

22 de fevereiro de 1966

[...] Ah, meu Deus, é Carnaval no Rio. Domingo foi a noite das “escolas de samba”, a noite que eu sempre vou assistir, que eu passo toda em claro e depois subo de carro para Petrópolis ao amanhecer. Aqui em Seattle toquei uns *discos* [em port] de samba que trouxe comigo e fiquei sambando sozinha. (GIROUX, 1995, p. 488)<sup>4</sup>

Como se pode constatar, a força dramática do texto de Marta Góes exacerba o sentimento de perda confessado por Bishop por estar longe do Rio de Janeiro na época de Carnaval. Começa com uma pergunta retórica: “O que é que eu estou fazendo aqui em Seattle?” Em seguida, o som do pandeiro traz para o palco, de modo vivo e num ritmo acelerado, as batidas que, habitualmente, marcam os desfiles das escolas de samba nas passarelas do Rio de Janeiro.

Mas o semestre em Seattle chega ao fim e Bishop sente-se feliz por não ter se deixado levar pelo vício da bebida. A esse respeito, o texto de Marta alude, reproduzindo, em tom irônico, um trecho da carta que a poeta escrevera para a Dra. Anny Baumann, do Rio de Janeiro, em 1º de setembro de 1966: “A secretária do departamento, de quem fiquei muito amiga e a qual sabia de *tudo*, me disse: ‘Você é a

---

<sup>4</sup> To James Merrill

February 22, 1966

[...] Oh dear, it is Carnival now in Rio. Sunday night was the “samba schools”, the night I always attend, staying up all night and driving back to Petrópolis at dawn. Here I played a few samba *discos* I brought with me and samba-ed about all by myself.

poeta mais sóbria que já tivemos por aqui’. Juro por Deus que é verdade” (GIROUX, 1995, p. 493).<sup>5</sup>

Marta Góes ainda acentua a questão do processo de aculturação em Bishop, no momento em que ouvimos a atriz Regina Braga desabafar:

Seis meses passaram. [...] (Ouve-se a música orquestrada: ‘Rio de Janeiro, braços abertos sobre a Guanabara’...). Eu nunca pensei que eu pudesse olhar com tanta ternura para o aeroporto do Galeão. Eu que fiquei tão chocada com a bagunça, da primeira vez que eu cheguei aqui, hoje eu estou eufórica com esse bafo quente na pele. (GÓES, 2001, p. 58-59).

Assim, na representação dramática de Bishop, o ciclo do expatriado vai se cumprindo e muitas coisas que antes a personagem não aceitara, a princípio, no Brasil, agora parecia se incorporar ao seu dia-a-dia. O processo de assimilação da cultura do Outro, de repente, toma conta do palco, reacendendo um sentimento de perda, no momento na repatriação. Na verdade, o que se pode pensar é que, nessas idas e vindas, o sujeito em trânsito vai se desconstruindo e reconstruindo, num incessante vir-a-ser. Segundo Canclini (2003, p. 30):

Hoy imaginamos lo que significa ser sujetos no solo desde la cultura en que nacimos, sino desde una enorme variedad de repertórios simbólicos y modelos de comportamiento. [...] Viver em tránsito, [...] con remodelaciones constantes de las personas y sus relaciones sociales, parece conducir a uma desconstrucción.<sup>6</sup>

Assim é que no momento da repatriação, surgem novos problemas de adaptação à cultura de origem, seguida de novo período de estabilidade. Mas o Brasil teria deixado marcas profundas na vida e na obra de Bishop. Ouvimos, então, a atriz Regina Braga pensando alto e faz-se referência à dor que Bishop sentira com a morte de sua companheira Lota Macedo Soares:

Fez dez anos, o outro dia. É claro que em dez anos, a dor que você guardava na primeira prateleira e que pulava no seu peito todas as

<sup>5</sup> The secretary of the dept., a very good friend now, who knew *all*, told me: “You are the soberest poet we’ve had here yet”. This is God’s truth.

<sup>6</sup> (Tradução nossa) Hoje imaginamos o que significa ser sujeito não apenas da cultura em que nascemos, mas de uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. [...] Viver em trânsito, [...] com remodelações constantes das pessoas e de suas relações sociais parece levar a uma desconstrução.

manhãs vai se acomodando numa prateleira mais alta, e depois numa mais alta ainda, depois num canto que você não alcança todo dia, mas você sabe que ela está lá, guardada para sempre. Não tenho mais medo que alguém descubra que eu não sou uma escritora. Escrever para mim ficou mais natural do que não escrever. E principalmente, eu ainda consigo amar. Quando eu me lembro de como eu era quando eu fui pro Brasil, me vendo hoje, tão mais serena, eu tenho que reconhecer que o Brasil tem alguma coisa a ver com tudo isso. Aquele choque amoroso, aquelas doses imensas de sentimento que só existem lá, me ajudaram a sobreviver. Por que é que isso não serviu pra salvar Lota? E o Brasil, o Brasil, um país com todo esse sentimento, ele ficou cada vez mais duro, cada vez mais truculento. É, às vezes eu me faço essas perguntas, aqui, diante da minha linda vista do porto de Boston, mas que, não chega aos pés da paisagem do Rio de Janeiro (GÓES, 2001, p. 58-59).

Ao final da peça, ouvimos, então, a música de João Bosco, “Isto é o meu Brasil”, que começa cantando: “Ô, nossas praias são tão claras...” Um sentimento de nostalgia sobe ao palco, mostrando que, talvez, na repatriação, tenha acontecido um choque cultural inverso, quem sabe, tão desafiante quanto o que a poeta enfrentara no momento em que chegara ao Brasil e travara o primeiro contato com a cultura do Outro. E o Rio de Janeiro, percebido inicialmente, como “o cenário para uma cidade maravilhosa, mas não [...] uma CIDADE maravilhosa” parece ter subido no conceito da poeta.

### **Considerações finais**

Apesar de uma visão um tanto caricata e reducionista do brasileiro que se percebe na peça de Marta Góes, também presente na correspondência de Bishop, bem como uma tendência a simplificar os sentimentos e as experiências de expatriação ou de repatriação da poeta, o texto encenado é poético e tem força dramática. Propõe momentos que envolvem a platéia pela trama dramática do monólogo, além de apresentar um humor refinado que, na atuação de Regina Braga, convida o público a rir, especialmente das críticas sociais ali delineadas. Críticas através das quais, em sua chegada ao Brasil, a personagem Bishop, representada por Marta Góes, mostra como é difícil ver-se na “pele” do Outro.

Refletindo sobre o texto “Buscando o olhar do Outro” de Jacob Moreno em seu “Convite ao Encontro” e lendo as experiências de Bishop à luz desse texto, podemos pensar que o encontro multicultural realizou-se, ao menos em parte. Pois Bishop foi, pouco a pouco, ao longo dos quase quinze anos que passou no Brasil, superando os choques culturais que teve de enfrentar, na condição de expatriada em nossa terra. Mas

para superar esses obstáculos, foi procurando entender os valores, os comportamentos, enfim, o dia-a-dia da cultura que a recebeu e a acolheu.

Acima de tudo, o texto de Marta Góes é importante por tornar mais conhecida a vida e a obra poética de Elizabeth Bishop; por divulgar a obra de uma escritora para quem o Brasil foi uma fonte de inspiração constante e tema para uma parte representativa de sua criação. De qualquer modo, o que se vê no palco é uma ficcionalização do percurso de Bishop pelo Brasil que, como ficção, não precisa ter um compromisso com a fidelidade dos fatos, nem com a própria correspondência de Bishop, embora a dramaturga tenha bebido nessa fonte. Afinal, o que se sugere é que o texto dramático seja fiel apenas e tão somente à sua própria encenação.

#### Referências

- BISHOP, E. *Elizabeth Bishop. The Complete Poems. 1927-1979*. New York: The Noonday Press; Farrar, Straus and Giroux, 1994.
- GIROUX, R. (org.) *Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GIROUX, R. (org.) *Elizabeth Bishop. One art. Letters, selected and edited*. New York: Farrar, Straus, Giroux, 1994.
- GÓES, R. *Um porto para Elizabeth Bishop*. S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2001.
- HAESBAERT, R. “O mito da desterritorialização e as regiões-rede”. *In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia*. Curitiba: AGB, p. 206-214.
- ICAS. *Independent counseling & advisory services Ltda*. London, 2008, s.p.
- MILLIER, B. *Elizabeth Bishop. Life and memory of it*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- MORENO, L. J. *Origins of encounter and encounter groups*. N. York: Beacon House, 1970.
- BERG, K. “Cultural shock: adjustment to new cultural environments”. *In: Practical Anthropology* 7, 1960, p. 177-182.

SILVA, C, MELO, M.G., ANASTÁCIO, S. *Nômades contemporâneos*. Rio de Janeiro: Vieira Lent, 2009.

TOMEI, P. “Profissional do mundo: como é o processo de adaptação e qual o perfil dos expatriados?” *In: Revista Queiroz Galvão em 360º*, v. 8, n.2, p. 4-6, julho-agosto-setembro, 2008.